

O ORIENTALISMO DE EDWARD SAID: REPRESENTAÇÃO DO OUTRO, COMOÇÃO SELETIVA E A ESCALADA DA ISLAMOFOBIA ENQUANTO PROCESSO DISCRIMINATÓRIO

EDWARD SAID'S ORIENTALISM: REPRESENTATION OF THE OTHER, SELECTIVE COMMOTION AND THE ESCALATION OF ISLAMOPHOBIA AS A DISCRIMINATORY PROCESS

*Anna Laura Maneschy Fadel¹
Yago de Souza Rodrigues²*

RESUMO: O presente trabalho visa analisar os aspectos que estruturam o fenômeno da Islamofobia em sua fase mais recente, situada, sobretudo, nas crises de refugiados ocorridas no decorrer dos últimos anos. De forma conjunta com a noção de comoção seletiva, observamos aqui a escalada de processos de discriminação sociocultural que atingem sobretudo comunidades políticas com importantes marcadores sociais de diferença, cujos direitos fundamentais têm sido frequentemente suprimidos ao longo da história. Para tanto, o procedimento de pesquisa deste trabalho concentra-se na realização de revisão bibliográfica sobre o tema da Islamofobia, com aporte teórico focado na obra “Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente”, do autor palestino Edward Said, e delimitando nas comunidades de origem muçulmana o devido recorte de pesquisa a ser desenvolvido. De forma crescente, o que se observa é que a Islamofobia alcança maior capilaridade à medida que discursos sobre seu fortalecimento são amplificados em nossas sociedades, notadamente por grupos nacionalistas, xenófobos e racistas. Como resultado, a capacidade de proteção e resistência dos grupos afetados diminui à medida que a discriminação se torna normalizada.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia. Orientalismo. Islamofobia. Globalização.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the aspects that structure the phenomenon of Islamophobia in its most recent phase, situated mainly in the refugee crises that have occurred in recent years. Together with the notion of selective commotion, we observe here the escalation of processes of socio-cultural discrimination that affect mainly political communities with important social markers of difference, whose fundamental rights have often been suppressed throughout history. Therefore, the methodology of this work focuses on the literature review on the subject of Islamophobia, with theoretical contribution focused on the work "Orientalism: the East as invention of the West", the Palestinian author Edward Said, and delimiting in the communities of Muslim origin the due research cut to be developed. Increasingly, what is observed is that Islamophobia reaches greater capillarity as discourses about its strengthening are amplified in our societies, notably by nationalist, xenophobic and racist groups. As a result, the protection and resistance capacity of affected groups decreases as discrimination becomes normalized.

KEYWORDS: Media. Orientalism. Islamophobia. International community.

¹ Doutoranda em Teoria e Filosofia do Direito pela Universidade Federal do Pará. Mestre em Direito pelo Centro Universitário do Pará. Professora do curso de Direito.

² Graduado em Direito pelo Centro Universitário do Pará.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa compreender as raízes da complexa estrutura que forma a atual fase da Islamofobia, fenômeno crescente em todo o mundo e que se manifesta em diferentes formas de discriminação, hostilidade e preconceito contra muçulmanos e o Islã como um todo. Esse processo discriminatório não é novo, mas sua intensidade tem aumentado nos últimos anos, impulsionada por eventos como os ataques de 11 de setembro nos Estados Unidos, a ascensão do Estado Islâmico e outros grupos extremistas islâmicos, bem como a crise dos refugiados sírios e outras migrações em massa de países muçulmanos ocorridas no período recente. Não obstante, a Islamofobia pode afetar a vida dos muçulmanos em diferentes esferas, incluindo emprego, educação, liberdade religiosa e segurança pessoal.

Para o desenvolvimento deste trabalho, o referencial teórico central será a obra “Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente”, de Edward Said. Tratada como uma obra fundamental para o estudo das relações culturais entre o Ocidente e o Oriente, o livro publicado em 1978 é considerado um clássico da teoria pós-colonial e da crítica cultural, e tem sido amplamente discutido e citado desde então.

O objetivo central de Said (2007) é analisar como o Ocidente construiu uma imagem estereotipada e exótica do Oriente, perpetuando a ideia de uma civilização inferior e primitiva, que precisava ser colonizada e controlada. Com uma análise detalhada de obras literárias, históricas e artísticas, Said mostra como essa construção de uma "outra" cultura serviu para justificar a dominação política e econômica do Oriente pelo Ocidente, e como ela continua a influenciar as relações internacionais e culturais contemporâneas.

Esse processo reafirma um importante paralelo que pode ser traçado entre a obra de Edward Said e o fenômeno da comoção seletiva, outro elemento importante da presente pesquisa. A comoção seletiva é um comportamento humano em que as pessoas reagem de forma desproporcional a alguns eventos, enquanto outros são ignorados. Esse fenômeno está relacionado à forma como as pessoas constroem sua percepção da realidade, com base nas informações que recebem dos meios de comunicação e do ambiente em que vivem.

Assim como o Orientalismo moldou a percepção ocidental do Oriente, a mídia e as redes sociais moldam a percepção que os indivíduos têm do mundo. Nesse sentido, é fato que as pessoas são bombardeadas diariamente com notícias sobre tragédias, conflitos e desastres, mas nem todos

esses eventos recebem a mesma atenção da mídia ou das pessoas. A comoção seletiva é, em parte, uma consequência disso.

Dessa forma, a comoção seletiva pode ser observada em casos em que as pessoas reagem com mais emoção e indignação a eventos que ocorrem em países ricos e desenvolvidos, enquanto ignoram eventos semelhantes que ocorrem em países pobres e subdesenvolvidos. Isso pode ser explicado em parte pelo fato de que as pessoas tendem a se identificar mais com pessoas que se parecem com elas ou que compartilham sua cultura ou nacionalidade.

Da mesma forma, o Orientalismo contribuiu para a percepção de que o Oriente é exótico, misterioso e estranho, tornando mais difícil para as pessoas se identificarem com a região e com as pessoas que vivem lá. Essa percepção estereotipada também contribuiu para a justificativa da colonização e da exploração econômica da região.

Como problema de pesquisa foram elaboradas as seguintes indagações cujo presente trabalho busca elucidar: Quais são as principais características da Islamofobia em sua fase mais recente e como elas se manifestam nas crises de refugiados? Qual é o papel da comoção seletiva na escalada da Islamofobia? Como o discurso sobre o fortalecimento da Islamofobia é amplificado em nossas sociedades e qual é o impacto disso na proteção e resistência dos grupos afetados? Qual é o papel do Orientalismo e da obra de Edward Said na compreensão da Islamofobia?

No primeiro tópico deste trabalho, foi analisado como a Islamofobia se manifesta nos Estados Unidos, tendo sido intensificada pela narrativa midiática durante a Guerra ao Terror nos anos 2000. Contudo, é importante ressaltar que a discriminação contra comunidades muçulmanas nos Estados Unidos é um fenômeno antigo, que assume diferentes formas de acordo com o tempo e o contexto histórico, mas sempre com o mesmo objetivo de subjugar e explorar tais grupos sob uma perspectiva colonizadora.

Além disso, também foi abordada a atual conjuntura da Islamofobia na Europa, onde as comunidades de origem muçulmana são alvo de agressões cada vez mais frequentes e violentas, sem que haja uma investigação, punição e reparação adequadas para as vítimas. Esses ataques são perpetrados seguindo padrões específicos e diversas formas de violência, mostrando uma tendência crescente nos últimos anos.

No segundo tópico, o foco é uma análise aprofundada da teoria Orientalista, elaborada por Edward Said. O objetivo é compreender como os aspectos históricos presentes nesta obra contribuem para a compreensão do atual quadro de discriminação contra os grupos de origem muçulmana, sobretudo aqueles que residem no Ocidente. Para isso, é importante contextualizar o

surgimento da teoria Orientalista e seus principais conceitos, tais como a construção da imagem do "Oriente" como uma região exótica, mística e atrasada em contraposição ao "Ocidente" moderno e civilizado. A análise desses conceitos permite a compreensão das raízes históricas da marginalização e estigmatização dos muçulmanos no Ocidente, além de contribuir para a reflexão sobre a necessidade de combater preconceitos e estereótipos que ainda persistem em nossas sociedades.

A título metodológico, a abordagem a ser utilizada neste trabalho será a revisão bibliográfica, metodologia de pesquisa amplamente utilizada em estudos acadêmicos, que visa aprofundar o conhecimento sobre o tema em discussão a partir da análise crítica de fontes bibliográficas. No contexto do presente trabalho, a revisão bibliográfica é o procedimento de pesquisa escolhido para a realização da análise dos aspectos que estruturam o fenômeno da Islamofobia, com o objetivo de compreender sua fase mais recente, situada nas crises de refugiados ocorridas nos últimos anos.

A pesquisa se concentra em fontes que abordem a Islamofobia e suas manifestações socioculturais, com ênfase na obra “Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente”, de Edward Said, para sustentar teoricamente a análise. O recorte de pesquisa se delimita às comunidades de origem muçulmana, com o objetivo de observar como a Islamofobia tem afetado essas comunidades e como a discriminação se torna normalizada, afetando a capacidade de proteção e resistência desses grupos. Essa metodologia é essencial para produzir conhecimento crítico e rigoroso sobre o tema e contribuir para o enfrentamento da Islamofobia e outras formas de discriminação sociocultural.

2. O CONTEXTO ATUAL DA INTOLERÂNCIA CONTRA AS COMUNIDADES DE ORIGEM MUÇULMANA RESIDENTES NOS ESTADOS UNIDOS E NA EUROPA

ARANTES (2005, p. 9) assevera que, apesar de ser o movimento religioso que mais cresce no planeta em número de membros, o islamismo segue desconhecido para os não-muçulmanos, mesmo entre aqueles que são melhor informados em termos de conhecimentos gerais. Essa conjuntura, segundo o autor, “é uma perigosa fonte de mal-entendidos e conflitos”, ainda mais em uma época na qual a necessidade de compreensão e tolerância são cada vez maiores.

Corroborando a esta noção de desconhecimento sobre as comunidades Islâmicas, Bermejo Laguna (2016, p. 134) considera que os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 como um momento paradigmático no qual o debate conflituoso Oriente *versus* Ocidente ganhou os contornos contemporâneos na comunidade internacional.

Segundo o autor:

En aquella conmoción mundial localizada en territorio americano, las víctimas y verdugos fueron bien pronto señalados como representantes de distintos agentes civilizatórios o culturales, con lo que se quiso manifestar que se había entrado en una nueva era donde el combate ya no era tanto entre potencias económicas o militares sino entre civilizaciones, cada una con un repertorio de valores que se consideran recíprocamente amenazados por la contricante (BERMEJO LAGUNA, 2016, p. 134)³.

Aqui, importa observar que o conflito tem raízes históricas, e que remonta a um passado distante. O professor Govand Khalid Azeez (*Macquarie University*, Sidney - Austrália), em sua obra **On Saidian Postcolonialism: The Middle East between Culture, Capital and Class**, atenta para o fato de o Oriente Médio ser atormentado historicamente “por guerras civis e imperialistas, devastação capital e a pilhagem de suas sociedades, ditaduras e plutocracias, a catástrofe migratória, crise ecológica, o aumento de várias formas de fundamentalismo e uma inimaginável pobreza e desigualdade”⁴ (AZEENZ, 2019, p. 123, tradução nossa).

No Ocidente, no que tange à intolerância aos grupos de origem muçulmana que chegam do mundo islâmico, dotados das mais variadas características culturais, étnicas, religiosas e linguísticas, contra aqueles que chegam e consigo trazem seus costumes, traços culturais e étnicos ganha força um movimento xenófobo, cada vez mais encorpado por indivíduos ressentidos, grupos organizados e discursos influenciados por uma lógica mercantilista, reacionária e sensacionalista de difusão informacional, de modo que a mídia de massa tem amplo destaque na exposição, reforço e legitimação de práticas islamofóbicas de convivência social nas sociedades ocidentais, notadamente no continente Europeu e nos Estados Unidos.

Nos Estados Unidos, a partir do início da Guerra ao Terror perpetrada pela gestão de George W. Bush, no momento imediatamente posterior aos ataques de 11 de setembro, cumpre

³ “Naquela comoção mundial localizada em território americano, as vítimas e algozes foram logo apontados como representantes de distintos agentes civilizatórios ou culturais, com o que se quis manifestar a entrada em uma nova era onde o combate já não era tanto entre potências econômicas ou militares mas entre civilizações, cada uma com um repertório de valores que se consideram reciprocamente ameaçadas pela oponente.” (Tradução nossa).

⁴ “*The Middle East finds itself plagued by imperial and civil wars, capital ravaging and plundering its societies, dictatorships and plutocracies, the migration catastrophe, ecological crises, the rise of various forms of fundamentalism and unimaginable poverty and inequality.*” (Texto original).

destacar o entendimento de Uzma Jamil no artigo **Reading Power: Muslims in the War on Terror Discourse**, quando lembra que “embora o 11 de setembro seja muitas vezes usado para marcar um difícil momento nos eventos mundiais, ilustra também a continuidade política nas relações entre o Islã, os Muçulmanos e o Ocidente”⁵ (JAMIL, 2014, p. 30).

O autor continua, ao dizer que “o discurso de guerra ao terror que emergiu dos ataques de 11 de setembro uniu assuntos como terrorismo, segurança nacional, guerra e os Muçulmanos, reforçando a narrativa Orientalista sobre enxergar os Muçulmanos como “inerentemente” violentos, ameaçadores e potenciais terroristas”⁶. (JAMIL, 2014, p. 30).

Dessa forma, o movimento de guerra ao terror passou a disseminar a dicotomia do ‘nós versus eles’, muito presente até os dias de hoje para representar o choque de sociedades e culturas, materializado através da narrativa de que o Ocidente - notadamente os Estados Unidos e a Europa - simboliza o lar dos indivíduos bons e civilizados, em detrimento dos “perpetradores do mal” que pertencem ao Islã, figuras construídas na forma do inimigo, que refletem o mal, o ódio, a morte e a violência. (JAMIL, 2014).

No entanto, como demonstra a professora Karine V. Walther (*Georgetown University School of Foreign Service in Qatar*) em seu artigo **Islamophobia is an American Tradition**, seria um erro assumir que os sentimentos de desconfiança e hostilidade contra as comunidades de origem muçulmana surgiram apenas depois dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, e que o padrão histórico do fenômeno da Islamofobia nos Estados Unidos pode ser traçado desde o período colonial, quando os europeus trouxeram consigo seu antagonismo à fé Islâmica para o “novo mundo” (WALTHER, 2015, *online*).

Conforme observa a professora:

But throughout US history, Islamophobia extended beyond just the domestic sphere. In the nineteenth century, many Christian Americans saw themselves as a crucial leader of global Christendom. Fueled by the religious fervor of the Second Great Awakening, Christian activists saw it as their divine role to spread Christianity to the ‘heathens’ of the world. When it came to the Islamic World, they portrayed the ‘Christian world’ in a global battle of “cross against crescent.” Such feelings would rise to the fore when people in the United States witnessed revolutionary movements by Ottoman Christian subjects against Ottoman Muslim rulers. US support for revolutionary insurrections in Greece in 1821, Crete in 1866, and Bulgaria in 1876 drew the attention of thousands in the United States who rallied to their cause, based in part on their belief that such battles

⁵ “Although 9/11 is often used to mark a watershed moment in world events, it illustrates political continuities in the relationship between Islam, Muslims and the west.” (Texto original).

⁶ “The ‘war on terror’ discourse emerging from the 9/11 attacks ties together terrorism, national security, war and Muslims, reinforcing Orientalist narratives about: Muslims as ‘inherently’ violent, threatening and as potential terrorists.” (Texto original).

were part of this alleged global battle between Christianity and Islam. At these moments, Americans maintained that Muslims' alleged religious fanaticism, political and religious decadence, and intolerance for other religions made their rule over Christian subjects, and to a lesser extent, Jewish subjects, an imperial, political and moral anomaly. Such beliefs also pushed Americans to actively support the extension of European empire to lands ruled by Muslims, including the Ottoman Empire and Morocco (WALTHER, 2015, *online*)⁷.

A autora conclui o artigo destacando que a Islamofobia estadunidense continua sendo uma força poderosa no que tange à elaboração e implementação de políticas internas e externas, que afetam a vida dos Muçulmanos nos Estados Unidos e no exterior. Mais do que isso, e longe de ser um fenômeno recente, as práticas islamofóbicas estão profundamente enraizadas na história estadunidense (WALTHER, 2015).

No cenário europeu, conforme demonstra o **Relatório Europeu sobre Islamofobia** (BAYRAKLI; HAFEZ, 2019, *online*), este processo de discriminação vem crescendo de forma latente no continente, concretizado principalmente na forma de ataques a mesquitas, centros comunitários e/ou indivíduos identificados com as comunidades de origem muçulmana.

Na França, país com a maior população de cidadãos muçulmanos na Europa, foi registrada a cifra de seiscentos e setenta e seis casos de Islamofobia, um aumento de 52% em relação ao número de 2017 (quatrocentos e quarenta e seis casos). Desse total, quinhentos e sessenta e oito registros constavam como incidentes de discriminação, e os 88 casos restantes concretizaram discurso de ódio desferido contra homens, mulheres e crianças muçulmanos (BAYRAKLI; HAFEZ, 2019, *online*).

Dentre os atos violentos contra as comunidades Islâmicas na Europa, em território francês o Relatório destaca a prisão de 10 (dez) membros de um grupo de extrema-direita, denominado de Ação de Forças Operacionais, acusados de planejar ataques terroristas contra muçulmanos

⁷ “Mas por meio da história dos Estados Unidos, a Islamofobia se estendeu além da esfera doméstica. No século 19, muitos Cristãos Americanos viram a si mesmos como líderes cruciais da Cristandade global. Alimentados pelo fervor religioso do Segundo Grande Despertar, ativistas cristãos viram isso como seu papel divino para propagar o Cristianismo para os “pagãos” do mundo. Quando se tratava do mundo Islâmico, eles representaram o “mundo Cristão” em uma batalha global da “cruz contra a crescente”. Esses sentimentos cresceriam em influência quando as pessoas nos Estados Unidos testemunharam movimentos revolucionários dos Cristãos Otomanos contra os governantes Muçulmanos Otomanos. O apoio dos Estados Unidos para insurreições revolucionárias na Grécia em 1821, Creta em 1866, e na Bulgária em 1876 chamou a atenção de milhares de pessoas nos Estados Unidos que se uniram à sua causa, baseado em parte na sua crença de que essas batalhas faziam parte dessa suposta batalha global entre o Cristianismo e o Islamismo. Nesses momentos, os Americanos sustentavam que o suposto fanatismo religioso dos Muçulmanos, decadência política e religiosa, e intolerância a outras religiões fizeram seu domínio sobre súditos cristãos, e em uma menor escala sobre os súditos Judeus, uma anomalia imperial, política e moral. Essas crenças também empurraram os Americanos a apoiar ativamente a extensão do império Europeu para territórios governados por Muçulmanos, incluindo o Império Otomano e o Marrocos.” (Tradução nossa).

franceses, como o envenenamento de comida do tipo *balal*, o assassinato de centenas de líderes religiosos e agressões físicas contra mulheres. (BAYRAKLI; HAFEZ, 2019, *online*).

No Reino Unido, “aproximadamente metade dos eleitores do governante Partido Conservador acreditam que o Islã é incompatível com o “estilo britânico de vida”⁸ (tradução nossa). No país, o número de crimes motivados pela religião cresceu quatrocentos e quinze por cento entre 2011 e 2018, e das 5.680 ofensas registradas, cinquenta e dois por cento envolveu cidadãos identificados como muçulmanos. (BAYRAKLI; HAFEZ, 2019, *online*).

Entretanto, os números mais alarmantes vêm da Alemanha, um dos principais países europeus a acolher refugiados nos últimos anos. Segundo estimativas das autoridades policiais, foram registrados seiscentos e setenta e oito ataques contra cidadãos alemães de religião muçulmana, quarenta ataques contra mesquitas e mil, setecentos e setenta e cinco ataques contra refugiados. (BAYRAKLI; HAFEZ, 2019, *online*).

Números como os apresentados acima ratificam a constatação de que uma onda de intolerância, com antigos e novos contornos estruturantes, vem sendo fortalecida e consolidada na Europa. Cumpre observar que esse processo discriminatório vem sendo materializado principalmente por meio da influência de membros isolados, partidos políticos emergentes e/ou grupos ligados a causas nacionalistas, racistas e xenófobas, um padrão amplamente ligado à extrema-direita, inclusive com o descobrimento pelas autoridades de células neofascistas e neonazistas radicadas em grandes capitais europeias.

Exemplos de políticas adotadas na França, como a proibição jurídica imposta pelo Estado francês do uso de burca (traje de origem islâmica) em espaços públicos, e dos Estados Unidos, que tem reforçado a sua política de combate à imigração com bastante apoio popular. Corroboram com este entendimento de Maneschy e Verbicaro (2017), quando observam que medidas como as supramencionadas ratificam o discurso de ‘Islamofobia’, tendo em vista que correlacionam o Islã a uma noção de perigo, como se essa comunidade representasse, de fato, um perigo real e iminente à segurança nacional de países do ocidente, e reforçam o combate a este discurso ao dizer que a segurança nacional jamais poderá ser alcançada a partir da anulação do outro e de seus direitos.

Além disso, ganha força também o discurso de ódio de setores da extrema-direita europeia e estadunidense, que corroboram para a vertente mais conhecida do movimento xenófobo contras

⁸ “Nearly half of the voters of the governing Conservative Party believe that Islam is incompatible with ‘the British way of life.’ (Texto original).

as comunidades de origem muçulmana, a Islamofobia. Conforme o *Berkeley University Center for race and gender*:

Islamophobia is a contrived fear or prejudice fomented by the existing Eurocentric and Orientalist global power structure. It is directed at a perceived or real Muslim threat through the maintenance and extension of existing disparities in economic, political, social and cultural relations, while rationalizing the necessity to deploy violence as a tool to achieve “civilizational rehab” of the target communities (Muslim or otherwise). Islamophobia reintroduces and reaffirms a global racial structure through which resource distribution disparities are maintained and extended (Texto original)⁹ (BERKELEY UNIVERSITY, 2018, online).

Em sua obra **Violência da Intolerância ou da Indiferença? Reflexões sobre violência, migração e adoecimento** (2016), a professora Alair Silveira (UFMT) observa que a expansão e promoção do individualismo para o núcleo das relações sociais e inter-culturais resultou em um processo onde o indivíduo passou a relativizar, ignorar e/ou fragmentar as macrorrelações (econômicas, sociais e políticas), fazendo com que explique e entenda o mundo com base apenas no seu, em detrimento de tentar compreender e interpretar esse no contexto daquele. (SILVEIRA, 2016).

Dessa forma, é violada por completo a interpretação de que a construção de uma cultura democrática está diretamente relacionada à convivência pacífica com o contraditório e o respeito ao diferente, suprimindo o alcance de uma ‘cidadania mundial’ aos indivíduos de diferentes culturas do mundo ocidental e negando o reconhecimento de direitos a imigrantes e refugiados, por exemplo. Tal reflexão nos leva a concluir que o processo de globalização é seletivo do ponto de vista social e assimétrico da perspectiva dos Estados e relações comerciais. (SILVEIRA, 2016).

O individualismo, assim, une aqueles que se reconhecem pela identidade e semelhança do que pensam, o que é um terreno fértil para o discurso de ódio, propaganda xenófoba e a construção de um culpado a ser responsabilizado pelas agruras do ocidente ou o que dá errado em seu país. Sob esse aspecto, que a autora denomina de “recurso à responsabilização do outro” (SILVEIRA, 2016, p. 14), a culpa será sempre do estrangeiro, considerado como uma espécie de bárbaro contemporâneo que representa uma ameaça, e que precisa ser combatido e oprimido, por meio da

⁹ “Islamofobia é o medo propositado ou o preconceito fomentado pela estrutura global de poder Eurocêntrica e Orientalista existentes. É direcionado a uma perceptível ou real ameaça Muçulmana por meio da manutenção e extensão das disparidades existentes nas relações econômicas, políticas, sociais e culturais, enquanto racionaliza a necessidade de utilizar a violência como ferramenta para alcançar o “comportamento civilizado” das comunidades-alvo (Muçulmanos ou outros grupos). A Islamofobia reintroduz e reafirma a estrutura racial global por meio da qual a disparidade na distribuição de recursos é mantida e estendida.” (Tradução nossa).

ampliação do conteúdo de exclusão. Em outras palavras, o recurso à responsabilização do outro busca tornar o indivíduo que é diferente como o bode expiatório a ser discriminado.

Movimentos xenófobos institucionalizados, como a extrema-direita francesa de *Marine Le Pen* e o *Pegida* alemão (que traduzido significa ‘patriotas europeus contra a islamização do ocidente’), colocam em evidência e exemplificam a expansão deste discurso nacionalista, eurocêntrico e islamóforo que propaga diversas formas de intolerância social para com seus iguais, cuja única ‘culpa’ que carregam, nas palavras da professora Alair Silveira, “é ter nascido em outro espaço nacional” (SILVEIRA, 2016, p. 21).

Nesse sentido, o intolerante e seu discurso são estruturados por meio da união de dois sentimentos antagônicos, que é o de pertencer a um determinado conjunto de indivíduos que não reconhecem o mesmo direito àqueles que qualificam como ‘diferentes’, e o de não pertencer à comunidade política democrática, que exige de seus integrantes a consolidação de uma postura pautada na interação com o outro, reconhecido previamente como detentor dos mesmos direitos. (SILVEIRA, 2016).

Para a autora, ocorreu um processo reducionista e simplificador das relações internacionais, que por meio de um método utilitarista - resultado do histórico maniqueísmo bélico e político -, teria dividido o mundo no período mais recente entre os ‘países do bem’, defensores de uma ideia de democracia liberal (representados principalmente pelos Estados Unidos), e os ‘países do mal’, considerados aqueles que atormentam o mundo, divergem e lutam contra os valores ocidentais e usam o terrorismo fundamentalista para capitalizar os seus objetivos. Como resultado dessa narrativa, aliada à defesa irrestrita da segurança internacional no combate ao terror, tanto a soberania desses Estados é violada, como também é suprimido o direito de seus integrantes em se autodeterminar (usemos como exemplo a invasão das forças ocidentais lideradas pelos Estados Unidos ao Iraque, em 2003). (SILVEIRA, 2016).

Inseridos nesse conjunto de transformações econômicas, políticas e sociais com consequências internacionais que atingem a todos, “a indiferença e a intolerância social de boa parte dos indivíduos assumem consequência política” (SILVEIRA, 2016, p. 19). Mais do que continuarem politicamente à margem do que *Gramsci* (2011) definiu como ‘grande política’, a autora alerta que o comportamento desses agentes aprofunda as condições diretas de existência das quais combatem, e por desconhecimento ou crença absoluta e infundada, decidem atribuir a responsabilidade de sua condição àqueles que também são “vítimas dos mesmos processos e das

mesmas guerras movidas, efetivamente, não por razões altruístas e democráticas, mas sim por interesses econômicos, políticos e estratégicos” (SILVEIRA, 2016, p. 19).

Não apenas indiferentes comuns ou acometidos por uma breve falta de solidariedade, a autora considera que ‘um sentimento de des-responsabilidade social’ foi naturalizado a tal ponto que absorveu o comportamento dos indivíduos e adotou, em sua forma mais acentuada, atos de rejeição e manifestações que recusam aos “outros o direito de terem direitos, inclusive o de existir” (SILVEIRA, 2016, p. 23).

O adoecimento provocado e promovido pela lógica da exploração e da acumulação privada do trabalho social demanda a capacidade de ‘desindividualização’ o ‘recoletivização’, como sagazmente observou *Castel* (2010). E com a recuperação do coletivo como forma de organização, reflexão e ação, a recuperação do sentido de pertencimento social solidário.

Não se trata, por óbvio, de uma demanda por um tempo que se perdeu, mas de uma forma de pertencimento social que permitiu às maiorias (e falamos, portanto, da classe trabalhadora na sua diversidade profissional e econômica) construir experiências coletivas generosas, capazes de alargar o sentido de cidadania, garantir direitos coletivos e laborais, e impor agendas políticas sociais ao Estado e ao capital. A experiência do individualismo egoísta como valor social, por sua vez, tem nos delegado uma sociedade ‘de indivíduos’ majoritariamente indiferentes, intolerantes e ‘doentes’. (SILVEIRA, 2016, p. 26)

Assim, no que considera como uma ‘sociedade de incertezas’, a autora observa que a instabilidade social é alimentada pela formação de um inimigo a ser combatido - nesse caso, os refugiados -, a intolerância e a indiferença são manifestações consideradas normais e cotidianas, “e o mal-estar coletivo é tratado como normal, mesmo que tratado como uma patologia individual” (SILVEIRA, 2016, p. 26).

3. A OBRA DE *EDWARD SAID* COMO MECANISMO DE COMPREENSÃO DA FASE CONTEMPORÂNEA DA COMOÇÃO SELETIVA E DA ISLAMOFOBIA

Em sua obra **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**, Edward Said (2007) elabora a teoria histórica de que os escritos acadêmicos e literários oriundos da Europa e Estados Unidos apresentavam aspectos imprecisos e distorcidos sobre o Oriente, contendo representações culturais estereotipadas sobre seus integrantes, e legitimando o Ocidente - representado por grandes potências ao longo da história - a colonizar o Oriente sob o escopo de trazer valores civilizatórios supostamente superiores aos sujeitos subjugados.

SAID (2007) observa que o Oriente - sentido estrito - é o palco no qual está confinado todo o Oriente - sentido amplo -, reduzindo e generalizando relações sociais, traços linguísticos, além de aspectos culturais e históricos dos mais variados grupos originários do leste. O autor ainda observa que estas percepções tendenciosas impedem uma efetiva compreensão sobre as culturas inerentes ao Oriente Médio e ao Leste Asiático, uma vez que reduzidas de forma completamente inadequada à percepção de seus interlocutores.

Isto ocorre pelo fato de, ao estudar e escrever sobre o Oriente, as diversas gerações de acadêmicos e autores Orientalistas o faziam com base apenas em suas experiências históricas ou mesmo na falta delas, e não conseguiam compreender efetivamente as culturas orientais pelo fato destas serem diferentes das suas próprias. Assim, ao ser idealizado por estes autores, o Oriente é retratado e romantizado como exótico e enigmático, sem nunca seus observadores terem buscado entender profundamente todos as suas características estruturantes.

Historicamente, os termos 'orientes' e 'ocidentes' não têm estabilidade em si próprios, fundamentalmente porque são formados/constituídos a partir de um esforço humano, em parte por afirmação e em parte por uma identificação do outro. (SAID, 2007). De forma clara, ambos os termos são vulneráveis à manipulação de interesses coletivos, por meio da mobilização em torno do medo e do ódio, e de uma arrogância amplamente relacionada ao conflituoso discurso do 'nós *versus* eles', que tem visado, notadamente, o mundo Islâmico e Muçulmano.

No que diz respeito ao contexto estadunidense contra o Islã, Said adverte em sua obra sobre como as mudanças que aconteceram a partir dos momentos imediatamente posteriores aos ataques de 11 de setembro, moldaram a construção da visão contemporânea que o ocidente tem sobre o oriente, de forma ainda mais explícita sobre o mundo islâmico.

A mudança do mapa do Oriente Médio segundo as sugestões de altos funcionários do governo estadunidense desconsidera por completo os processos de evolução histórica dos povos e sociedades orientais, desqualificando ou ignorando fragmentos de história relacionados a povos, línguas, experiências e culturas, por meio do endurecimento das relações sociais, o estreitamento de generalizações e o histórico problema do clichê triunfalista ocidental sobre o oriente. (SAID, 2007)

O próprio autor é provocativo ao observar que existe uma profunda diferença entre o desejo de compreender outros povos por razões de coexistência e alargamento de horizontes, e o desejo de conhecimento por motivos relacionados a controle e dominação externa. Sem um discurso pautado na convicção de que existem diferenças inconciliáveis entre o ocidente e o oriente,

não seria possível a consolidação do dogma orientalista tradicional, baseado em vastas generalizações que incitam um conflito dos Estados Unidos contra uma suposta ameaça estrangeira. (SAID, 2007).

Para tanto, cumpre enfatizar sobre como a visão no ocidente acerca do que é o outro - indivíduo e cultura diferentes -, é afetada pela produção ocidental de um conhecimento distorcido e reducionista, cujo método majoritário para definir o oriente é pautado no uso de rótulos exageradamente amplos e difusos para definir toda variedade possível da pluralidade humana oriental, reduzindo nesse processo raças, mentalidades, costumes, nações e outros aspectos a uma ou duas abstrações coletivas e superficiais, que buscam nada mais do que adequar e reduzir o oriente, nas palavras de Said (2007, p. 215), “para a cultura prevalecente, dominante e suas exigências teóricas”.

Ocorreu a substituição de uma noção secular pautada no direito dos povos em criar a sua própria história, por meio da tríade reflexão-debate-argumentação racional, pela ascensão de ideias abstratas que veneram a cultura ocidental, desprezam o diferente e depreciam a importância do contexto de um mundo diversificado em amplos aspectos.

Ortodoxias de cunho nacionalista, xenófobo e religioso, em conjunto com um discurso sensacionalista exacerbadamente difundido, ameaçam a educação e a construção do pensamento crítico com o escopo de demonizar um inimigo desconhecido, ao qual é direcionada uma enorme atenção em períodos de crise e insegurança, a exemplo dos momentos pós-terror.

Assim, Edward Said (2007) conclui a primeira parte de sua obra com a constatação de que as pessoas são agrupadas sob expressões erroneamente unificadoras (a exemplo de “América”, “Islã”, “Ocidente”), baseadas em identidades coletivas para centenas de sujeitos que são distintos, na sua realidade. Essas práticas desfiguram a história dos povos e desconstróem suas culturas e características, por meio de um discurso Orientalista com poder mobilizador dotado de uma eficácia sem precedentes, que precisa progressivamente ser combatido e reduzido.

A tentativa Orientalista de reduzir o Oriente a uma espécie de “achatamento humano” (SAID, 2007, p. 211), busca expor as suas características fáceis de se descobrir e eliminar a sua complicada humanidade e construção de suas relações sociais, o que lamentavelmente estrutura a perspectiva ocidental acerca do Oriente em adjetivos como sub-humanizado, antidemocrático, atrasado e terrorista.

Dessa forma, faz-se presente a necessidade de desconstrução das fórmulas redutivas e do pensamento abstrato como mecanismos de definição do que é o outro, mecanismos estes que

afastam e diminuem a concretude do pensamento histórico e da experiência humana para conduzi-la aos campos da grande falácia ideológica, do confronto e conflito de experiências e da paixão coletiva como ferramenta para disseminação da intolerância.

Refutar a teoria Orientalista tem como propósito aprofundar o campo de discussão, afastando-se de limites estabelecidos conforme a “autoridade dominante” (SAID, 2007, p. 20), e perseguindo um objetivo humano que é a coexistência entre povos e culturas, rejeitando a ideia de subjulgamento e opressão ao que for taxado como diferente.

O Orientalismo, na visão do autor (SAID, 2007), tem um conjunto de características que foi estruturado de forma cumulativa e corporativa, particularmente rígida diante de suas associações com a erudição clássica tradicional, as instituições públicas (como os governos e as universidades) e os escritos considerados tratados gerais e generalizantes, como livros sobre viagens e explorações. Portanto, foi construída uma visão coerente do mundo oriental, que exerceu ampla influência sobre os círculos governamentais ao redor de todo o mundo ocidental.

Dessa forma, o Orientalismo pode ser levado em conta como uma forma de escrita, perspectiva e estudo uniformizados, reprimido por imperativos, visões e características ideológicas ostensivamente convenientes para o Oriente. Assim, o “Oriente é ensinado, pesquisado, administrado e comentado segundo maneiras determinadas”. (SAID, 2007, p. 275). Nas discussões sobre o Oriente, a teoria tratada por Edward Said reprime por completo a presença do Oriente, enquanto a do Orientalista e o que ele diz é sentida a todo momento em sua obra.

O Oriente descrito pela teoria Orientalista constitui um conjunto de representações organizado por todo um sistema de influências que direcionaram o leste na consciência e sabedoria ocidentais, com evidente cunho político e natureza imperialista. A palavra Oriente, desde a sua introdução na produção de conhecimento ocidental, passou então a consistir em um largo campo de definições, associações e conotações, que não necessariamente possuem relações com o Oriente na sua forma real, mas sim com o campo que envolve a palavra.

O professor observa com pertinência que as civilizações consideradas mais avançadas, ao lidar com ‘outras culturas’, quase nunca ofereceram aos indivíduos algo que não fosse imperialismo, racismo e etnocentrismo na construção de suas relações, o que fez da teoria Orientalista uma doutrina influenciada por forças culturais que estavam propensas a tornar mais rigoroso o distanciamento entre as regiões europeia e oriental no mundo. Logo, enquanto um mecanismo cultural, constitui o Orientalismo em variadas formas de agressão, atividade, julgamento, persistência e conhecimento. (SAID, 2007).

O hábito culturalmente admitido de construir grandes generalizações, pelas quais a realidade é dividida, destacou a contraposição rigorosamente polarizada de ‘nós’ e ‘eles’, com o primeiro sempre ocupando pela força o último, até o momento em que o outro, considerado diferente, tem o seu processo de subjulgamento concluído. Conforme observa o autor Said (2007, p. 312), “um homem oriental era primeiramente um oriental, e só em seguida um homem”.

O Orientalista analisa o Oriente tendo como base de apoio uma posição superior, que busca se apropriar de todo o quadro variado de contextos que se estende à sua frente, desde o exame da cultura e da religião, passando pela observação da mentalidade, até concluir este processo investigando a história e a sociedade oriental. Assim, como se supõe que nenhum oriental pode conhecer a si mesmo tal qual um orientalista o conhece, qualquer visão do Oriente será construída com a sua coerência sendo respaldada na pessoa, instituição ou discurso a que pertence o teórico orientalista. (SAID, 2007).

Como se sente estar exatamente no limite que separa o leste do oeste, o Orientalista não só se apoia em extensas generalidades; ele também se propõe a ratificar a supremacia histórica, civilizacional, política e cultural do Ocidente, suprimindo sensivelmente a história e a construção das relações culturais e sociais.

O autor considera a existência de cinco atributos inerentes à construção da representação orientalista, que nas obras de vários autores podem ser encontradas distribuindo e/ou redistribuindo o conhecimento erudito sob diversas faces, mas que em todas elas estão inseridos traços característicos do discurso hegemônico da teoria orientalista, quais sejam: representações com a marca de distinção de cada autor; a concepção ilustrada desse autor sobre como o Oriente pode ser ou deve ser; o ato consciente de contestar a visão Oriental de outra pessoa; o fornecimento ao discurso orientalista daquilo que ele parece necessitar no momento; e a busca por responder a questões de natureza política, econômica, social, cultural que possam estar à tona no presente. (SAID, 2007).

É possível notar a conexão desses atributos entre si, cujo resultado será a condensação no discurso orientalista de que o oriente é puramente monolítico, onde as suas mais diversas circunstâncias existenciais - a natureza do indivíduo, a distinção entre as várias culturas orientais e/ou o processo histórico das relações sociais dentro do oriente como um todo - podem ser reduzidas facilmente à raça, à religião ou quaisquer outros substantivos que generalizem toda a infinidade de comunidades inseridas naquela região.

Assim, o Oriente - médio, sudeste da Ásia, extremo Oriente e a África - “tem um status considerado extrarreal” (SAID, 2007, p. 378), fenomenologicamente constituído por um conjunto de generalizações negativas e essencialmente redutoras, que o mantém fora do círculo de pessoas capazes de descrevê-lo, círculo este que pertence exclusivamente ao especialista ocidental. Nota-se que, desde o momento em que o Oriente passou a ser especulado, descrito e subjugado pelo Ocidente, a única coisa que os orientais não podiam fazer era representarem a si mesmos, de forma que as evidências do Oriente só tinham/têm credibilidade e forma consolidada após passarem pelo “fogo purificador da obra do Orientalista” (SAID, 2007, p. 379).

Nota-se a frequência como a expressão ‘o árabe’ parece se acomodar às transformações e reduções que lhe são imputadas continuamente, por meio de um processo puramente tendencioso, e sempre atraindo a atenção estrangeira de forma negativa, quando o consegue atrair. A partir do momento em que esse árabe possui alguma história, ela é parte da história que lhe é dada - ou até mesmo tirada - pela tradição orientalista. (SAID, 2007).

A sua individualidade, características e experiências sociais são todas suprimidas, e substituídas pela ideia de que o oriental é um ser de massa, como comumente mostrado pela mídia ocidental em documentários, noticiários e outras obras. (SAID, 2007). Na mente ocidental-orientalista, a função do teórico da linha de frente é de mediar e interpretar aquela região para que o Oriente não seja negligenciado, caso contrário aquele lugar não será compreendido, seja porque consideram que o pouco a se aprender é bastante excêntrico, ou porque somente o orientaste pode interpretar o Oriente, sendo este absolutamente incapaz de compreender a si mesmo, tese que consolida e ratifica uma hostilidade cultural. (SAID, 2007).

A essa ausência de identidade, some-se a propagação ininterrupta e errônea do suposto desejo árabe de dominar o mundo utilizando a *jihad*, que teria como consequência a corrupção e extinção dos valores e ideias do mundo ocidental, considerados superiores, o que termina por reafirmar a intolerância contra os que são considerados diferentes e subjugação daqueles que são vistos como inferiores (SAID, 2007).

Durante e após a Segunda Guerra Mundial, verificou-se uma extraordinária ampliação do interesse estadunidense pelo Oriente Médio. Com a região possuindo importantes pontos estratégicos durante o conflito (a verificar a cidade do Cairo e o restante da região norte-africana) no que tange à exploração de recursos humanos e naturais, os Estados Unidos se prepararam para e que Said denomina de “um novo papel imperial pós-guerra”. (SAID, 2007, p. 394).

Assim, o estabelecimento de uma política de relações culturais buscou sanar as necessidades estadunidenses em compreender “as forças que estavam competindo com a ideia americana no esforço de serem aceitas pelo Oriente Próximo” (SAID, 2007, p. 394), em clara referência à Guerra Fria e ao embate travado pelos Estados Unidos contra a suposta ameaça Comunista Soviética.

Para isso, o autor reitera a existência de alguns aspectos estruturantes do Orientalismo, sempre lembrando que estes “persistem na sua forma mais pura nos estudos árabes e islâmicos” (SAID, 2007, p. 401). Ainda, o mesmo destaca que, dentre estes elementos principais, o primeiro consiste justamente na diferença sistemática entre o Ocidente, considerado “racional, desenvolvido, humanitário, superior, e o Oriente, que é aberrante, não desenvolvido, inferior” (SAID, 2007, p. 401), legitimando a prerrogativa ocidental para ‘corrigir’ as supostas lacunas civilizacionais inerentes aos seus opostos; o segundo elemento está no fato de que os autores orientalistas preferem recorrer às abstrações sobre o Oriente, geralmente baseadas em textos antigos, em detrimento de referência seguras pautadas na realidade presente das sociedades orientais, reafirmando uma visão totalmente deturpada acerca do que de fato é o Oriente.

O terceiro elemento destacado pelo autor na estruturação do fenômeno Orientalista é que “o Oriente é eterno, uniforme e incapaz de se definir; portanto, supõe-se ser inevitável e até cientificamente “objetivo” um vocabulário altamente generalizado e sistemático para descrever o Oriente de um ponto de vista ocidental” (SAID, 2007, p. 401); por último, deve ser destacado que “o Oriente precisa sempre ser visto como um agente ameaçador, algo a ser temido ou controlado” (SAID, 2007, p. 401-402), o que denota inclusive uma postura racista em negar a esses povos a legitimidade de seus valores enquanto civilizações, ao mesmo tempo em que os coloca como indivíduos inferiores, passíveis de dominação.

Para concluir esse processo de dominação, o professor considera extraordinário que essas noções deturpadas sigam sendo aceitas sem qualquer questionamento significativo daqueles que realizam estudos acadêmicos e governamentais sobre as sociedades orientais contemporâneas, reafirmando o Orientalismo como “um imponente consenso mantido por toda sorte de agências, instituições e tradições” (SAID, 2007, p. 402). O autor lamenta o fato de que as poucas vozes árabes ou islâmicas que se levantam contra esse processo de dominação não conseguem se impor em face a um conjunto consolidado de práticas discriminatórias que permeiam as ações dos agentes ocidentais.

No entanto, o Said assevera que certamente existe um *establishment* nos estudos do Oriente Médio, que é dotado de um fundo comum de interesses, notadamente institucionalizados por

membros da iniciativa privada, que por meio da concessão de verbas e premiações, estabelecem uma complexa rede de dominação - grandes corporações, universidades, departamentos de Estado -, que se dedicarão a legitimar e manter a autoridade de “um punhado de ideias básicas, basicamente imutáveis, sobre o Islã, o Oriente e os árabes” (SAID, 2007, p. 403).

Outro elemento relevante no que tange à estrutura formadora do processo Orientalista de discriminação é a denominada “teoria da simplicidade semítica” (SAID, 2007, p. 408), reforçada ao longo da história em textos, ensaios e obras acadêmicas na forma de um mito que “produziu uma imagem do árabe visto por uma sociedade “adiantada” quase ocidental” (SAID, 2007, p. 409), tendo essa expressão um padrão claramente antisemita, uma vez que cunhada ao observar a resistência Árabe à colonização estrangeira na região da Palestina no início do século XX, área também habitada por judeus e que onde mais tarde foi criado o Estado de Israel.

Sobre Israel, o autor observa que “apenas um judeu tem plenos direitos civis e privilégios de imigração sem ressalvas; embora sejam os habitantes da terra, aos árabes são concedidos menos direitos, apenas os mais elementares” (SAID, 2007, p. 409), reiterando que a política israelense no tratamento aos árabes é amplamente regida por preceitos Orientalistas, levando em consideração que “se não parecem ter os mesmos direitos, é porque são “menos desenvolvidos””.

O domínio que esses instrumentos têm sobre a mente é aumentado pelas instituições construídas ao seu redor. Para todo orientalista há, bem literalmente, um sistema de apoio de tremendo poder, considerando-se o caráter efêmero dos mitos que o Orientalismo propaga. Esse sistema culmina agora nas próprias instituições do estado. Escrever sobre o mundo oriental árabe, portanto, é escrever com a autoridade de uma nação, não com a afirmação de uma ideologia estridente, mas com a certeza inquestionável da verdade absoluta escorada pela força bruta. (SAID, 2007, p. 410).

Declarações acerca da suposta selvageria considerada inerente aos árabes podem ser explicadas se reconhecermos que há uma diferença estabelecida de forma consolidada pelo orientalista em relação ao oriental, que é o fato de o primeiro ocupar o posto de observador e conseqüentemente descritor do segundo, que será sempre objeto da descrição e não terá outra função além de ser descrito (SAID, 2007). Dessa forma, o Oriental será presumido como agente passivo enquanto o Orientalista terá a prerrogativa de observar, descrever e conseqüentemente denominar o que é e quem é o árabe.

4. CONCLUSÃO

Neste trabalho buscou-se analisar os elementos que estruturam o processo discriminatório denominado de comoção seletiva, que atinge historicamente a atores sociais especificamente delimitados, geralmente observados por seus interlocutores por meio de uma narrativa contendo consolidadas noções de subjugamento, preconceito e dominação.

Para isso, utilizamos como referencial teórico principal a obra **Orientalismo: o Oriente como Invenção do Ocidente** do professor de origem Palestina Edward Said (1935 - 2003), autor de uma robusta teoria em estudos coloniais chamada Orientalismo, que trata sobre a prerrogativa histórica que o Ocidente tomou para si, ao longo da história e por meio de distintos agentes, de definir o que é o Oriente e quem são os seus integrantes, sempre de forma generalizante, pejorativa, superficial e não condizente à realidade cultural, étnica, linguística e social das inúmeras comunidades que integram o denominado mundo Oriental, notadamente o mundo Árabe.

Junto à obra de Said, examinamos também trabalhos de variadas áreas inerentes ao Direito, à Filosofia e à Sociologia que derivaram da teoria Orientalista, tendo seus autores conversado no que tange à ideia de que, ao longo de variados processos históricos, ocorreu uma apropriação indiscriminada do Ocidente em transformar o Oriente no seu objeto de pesquisa, descrição e exploração, tornando-o agente passivo e impossibilitado de representar a si mesmo.

Como recorte de pesquisa, fizemos a análise das comunidades de origem muçulmana, grupos descritos de forma mais específica pela teoria Orientalista e maiores alvos da visão ocidental de representação do outro, sempre colocados na categoria de bárbaros ao longo da história. Atualmente, estes grupos são atingidos por uma das mais conhecidas formas de discriminação no Ocidente: a Islamofobia.

Utilizando os dados obtidos nos documentos derivados do **Relatório Europeu sobre a Islamofobia** (2018), pudemos observar como este processo de discriminação ganhou contornos ainda mais graves quando, ao desrespeito e a diminuição do outro por meio de ataques nos meios de comunicação, juntaram-se as mais variadas formas de violência às vítimas, como cidadãos muçulmanos sendo agredidos e humilhados em locais públicos em virtude de suas origens étnicas, matrizes religiosas e raças, por exemplo.

Não obstante, observados os recentes acontecimentos no Afeganistão, em que a nova tomada do poder do país pelo Taleban resultou em uma fuga em massa e recebeu grande atenção da comunidade internacional, nos cabe mencionar a importância de que se desenvolvam pesquisas voltadas à análise da utilização de discurso Islamofóbico por atores ocidentais no contexto das crises políticas que atingem os países do Oriente Médio.

Na literatura existente, pouco se menciona o uso de organismos como o Taleban e sua relação orgânica com os processos históricos recentes no Afeganistão como pano de fundo para a difusão de discursos discriminatórios, disfarçados de análises especializadas em política externa e geopolítica envolvendo Estados com majorias de origem Muçulmana.

Por esse motivo, incide aos pesquisadores desse campo de trabalho a tarefa de observar, através de variadas abordagens, de que forma as crises políticas nesses Estados são utilizadas por atores internacionais, com papel destacado para os meios de comunicação, em prol do estabelecimento de discursos equivocados sobre a relação política e a formação social dos países Árabes.

O multiculturalismo, considerado historicamente como um valor ‘fundado’ pelo ocidente, demonstra-se amplamente mitigado ao constatarmos que as minorias culturais que recorrem aos seus países como uma saída para melhorar sua qualidade de vida, têm em seu novo lar uma recepção inteiramente pautada na intolerância, supressão de seus direitos básicos e exclusão social.

Aqui, percebemos a importância do estabelecimento de políticas públicas que privilegiem a inserção de minorias em seus novos contextos sociais, tendo em vista a importância do respeito ao convívio com o diferente em um estado democrático de direito, tanto fortalecendo os traços multiculturais de todas as sociedades como também buscando o desenvolvimento social daqueles que forem mais atingidos, garantindo a efetiva tutela de seus direitos fundamentais e respeitando seus valiosos traços culturais.

Ao enxergarmos o outro como indigno, é possível perceber que ainda existem lacunas acerca do que é civilidade e da importância que a difusão da tolerância tem para preencher esse espaço; dessa forma, faz-se imprescindível que modifiquemos essa mentalidade na relação com o diferente.

Não faltam alternativas para avançarmos nesse debate, e entre elas está o efetivo distanciamento do sensacionalismo difundido por grande parcela dos meios de comunicação, mecanismos estes que contribuem e fortalecem a intolerância na sua base, que é a difusão de conhecimento superficial e pequeno acerca de outras comunidades, de outras culturas.

Somente assim será possível desenvolvermos ferramentas de inclusão social para os imigrantes de forma geral, e estas terão importante contribuição no fortalecimento das instituições democráticas e da própria democracia, pautada no respeito ao diferente como forma efetiva de materializar valores republicanos de importância fundamental para as sociedades.

REFERÊNCIAS

ARANTES, José Tadeu. **O maior perigo do Islã: não conhecê-lo**. Editora Terceiro Nome, 2005.

AZEEZ, Govand Khalid. **On Saidian Postcolonialism: The Middle East between Culture, Capital and Class**. Critique, v. 47, n. 1, p. 123-142, 2019.

BERKELEY UNIVERSITY. Center for race and gender. **Defining Islamophobia**. Informação online. Disponível em: <https://www.crg.berkeley.edu/research-projects/islamophobia-research-documentation-project/>. Acesso em: 27 de agosto de 2018.

BERMEJO LAGUNA, José Manuel. **Ideologías en conflicto en el siglo XXI: islamofobia vs occidentalofobia**. Revista de Paz y Conflictos, v. 9, n. 1, p. 133-156, 2016.

BAYRAKLI, Enes; HAFEZ, Farid (ed.). **EUROPEAN ISLAMOPHOBIA REPORT 2018: Islamophobia in Numbers**. 2019. Turquia. Disponível em: <https://www.islamophobiaeurope.com/islamophobia-in-numbers-eir2018/>. Acesso em: 18 abr. 2020.

BAYRAKLI, Enes; HAFEZ, Farid (ed.). **EUROPEAN ISLAMOPHOBIA REPORT 2018: Islamophobia in the Media**. 2019. Turquia. Disponível em: <https://www.islamophobiaeurope.com/islamophobia-in-the-media-eir2018/>. Acesso em: 18 abr. 2020.

BAYRAKLI, Enes; HAFEZ, Farid (ed.). **EUROPEAN ISLAMOPHOBIA REPORT 2018: Islamophobic Statements of Politicians**. 2019. Turquia. Disponível em: <https://www.islamophobiaeurope.com/islamophobic-statements-of-politicians-eir2018/>. Acesso em: 18 abr. 2020.

BAYRAKLI, Enes; HAFEZ, Farid (ed.). **EUROPEAN ISLAMOPHOBIA REPORT 2018: Legalizing Islamophobia**. 2019. Turquia. Disponível em: <https://www.islamophobiaeurope.com/legalizing-islamophobia-eir2018/>. Acesso em: 18 abr. 2020.

BAYRAKLI, Enes; HAFEZ, Farid (ed.). **EUROPEAN ISLAMOPHOBIA REPORT 2018: Violent acts against Muslims in Europe**. 2019. Turquia. Disponível em: <https://www.islamophobiaeurope.com/violent-acts-against-muslims-in-europe-eir2018/>. Acesso em: 18 abr. 2020.

FADEL, Anna Laura Maneschy; VERBICARO, Loiane Prado. **A islamofobia e a negação genocida da diferença: o discurso do “eles” x “nós” no ocidente**. 2017.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel: notas sobre o Estado e a Política**. Tradução de Luiz Sérgio Henriques; Marco Aurélio Nogueira e Carlos Nelson Coutinho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. **Cadernos do Cárcere**, v. 3.

JAMIL, Uzma. **Reading Power: Muslims in the War on Terror Discourse.** Islamophobia Studies Journal, Fall 2014, Volume 2, No. 2, pp. 29- 42. University of California, Berkeley, Center for Race & Gender. Disponível em: <https://www.crg.berkeley.edu/crg-publications/islamophobia-studies-journal-fall-2014-volume-2-issue-2/>. Acesso em: 29 de agosto de 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (org.). **5 dados sobre refugiados que você precisa conhecer.** 2019. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2019/04/09/5-dados-sobre-refugiados-que-voce-precisa-conhecer/>. Acesso em: 05 mar. 2020.

L'ASSOCIATION DE DÉFENSE DES DROITS DE L'HOMME – COLLECTIF CONTRE L'ISLAMOPHOBIE EN FRANCE (ADDH-CCIF) (França) (ed.). **SORTIE DU RAPPORT 2018 DU CCIF – L'ANNÉE 2017 EN DATES, CHIFFRES ET QUESTIONS.** 2020.

Disponível em: <http://www.islamophobie.net/en/2018/04/11/rapportccif2018-sortie-du-rapport-2018-du-ccif-lannee-2017-en-dates-chiffres-et-questions/>. Acesso em: 05 mar. 2020.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** Editora Companhia das Letras, 2007.

SILVEIRA, Alair. **VIOLÊNCIA DA INTOLERÂNCIA OU DA INDIFERENÇA? Reflexões sobre violência, migração e adoecimento.** REVISTA DIREITOS, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL, v. 2, n. 2, p. 11-28, 2016.

WALTHER, Karine V.. **Islamophobia Is An American Tradition.** 1º de Dezembro de 2015. Jadalyya Journal. Disponível em: <https://www.jadaliyya.com/Details/32750/Islamophobia-Is-An-American-Tradition>. Acesso em: 20 abr. 2020.

Recebido em: 16/04/2021
Aprovado em: 24/04/2023

Editor:
Dr. Leonardo da Rocha de Souza

Editoras executivas:
Saskia Assumpção Lima Lobo
Clarice Aparecida Solpesa Peter
Layra Linda Rêgo Pena